

Correio das Artes

Ano I Número 40 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 25.12.1949



CANTOCHÃO DE NATAL

OTTO MARIA CARPEAUX

NUMA página célebre Charles Péguy descreveu o esplendor da missa de gallo nas velhas catedrais góticas da França: as naves, iluminadas por mil círios: o clero capitular, vestido dos paramentos brancos da noite de Natal; o povo que caminhou através da nevada noturna para adorar como adoravam os pastores e os magos; e, então, levanta-se para a abóboda o conto do «Glória in excelsis», assim como o interpretaram os músicos contemporâneos da arte gótica, os mestres da polifonia sacra.

Mas esta não é a voz autêntica da Igreja: Ela não manda aos fiéis oferecer à criança divina harmonias contraponteadas e sim melodias lineares como convém à simplicidade dos pastores, ornamentadas, quando muito, pelos vocalises que os magos trouxeram do Oriente. A música que se levanta depois dos silêncios do Advento é o canto primitivo da Igreja: o cantochão.

Com isso já está certo que o cantochão não corresponde à complicada requintura medieval, antes às linhas severas, de simplicidade clássica, das basílicas romanas, senão à simplicidade maior dos lugares de adorações nas catacumbas. E assim como já se dizia que o cantochão não corresponde

à arte gótica, assim o «canto» repetir-se-ia sempre quando se pretende definir aquela música misteriosa; ao lirismo barato — «ton le rest est littérature» — preferem-se as definições, sejam asperamente técnicas, porque o cantochão é: «musique avant toute chose».

O cantochão não admite as harmonias polifônicas da música eclesástica medieval: é de rigorosa unanimidade. O cantochão não co-

nhece as modulações nem as oscilações rítmicas da música moderna: é de monotonia quase assustadora — alguns o consideram como «terrível», na acepção original do adjetivo — movimentando-se lentamente dentro de limites certos e estreitos. Mas, antes de tudo, acontece o que não acontece em toda a história posterior da música: as melodias do cantochão não correspondem absolutamente

ao conteúdo e sentido dos textos sagrados que acompanham. Qualquer compositor medieval ou moderno pretenderia exprimir pelos recursos da sua arte a devoção do Kyrie, o júbilo do Glória, a firmeza do Credo, a majestade do Sanctus, a humildade do Agnus Dei — o cantochão, não. Nove fórmulas lhe bastam para cantar os 150 salmos; uma única fórmula, para todos os textos, tão diferentes, do Evangelho; não há no cantochão, nada de «expressão», nem dramática, nem lírica. Com isso, o cantochão coloca-se como fora do âmbito de toda outra música, fora da história da música. É como um fenómeno extra-temporal, uma revelação que continua inalterável através dos séculos, assim como aquela outra que foi dada aos apóstolos no alto do monte na Galiléia: «Fico convosco, todos os dias, até o fim da história» — «ecce ego vobiscum sum omnibus diebus, usque ad consummationem saeculi».

São definições, toda elas, negativas. É como se se tratasse de definir «via negationis», assim como se define o «Deus absconditus» na chamada «teologia negativa»: por tudo o que não é. E quando fracassar a tentativa de definir o cantochão em termos positivos — então, dir-se-ia que é in-

BALADA DO MEU NATAL

CEZARIO DE MELLO

FORMAS DE ALGUÉM NO SILÊNCIO DA SALA AN-
[TIGA.
DA PAREDE O RETRATO DE MEU PAI A ME ESPIAR,
GESTO VAGO E LITÚRGICO NAS DOBRAS DAS COR-
[TINAS,
MINHA SOMBRA NA POEIRA SONÂMBULA A CAMI-
[NHAR.

EM ALGUMA PARTE AUSÊNCIA DO PIANO,
ESTRELA SONORA DE MINHAS NOITES DE NATAL.
NO SEU BRANCO TECLADO OS DEDOS DE MINHA
[MÃE
COMO RÉSTEAS COLORIDAS DE UM MÁGICO VITRAL.

VULTOS, TANGENTES DE ARCO IRIS, AZAS VOANDO
NA POESIA DA SALA, BRANCOS SORRISOS DE LUAR.
LEMBRANÇA DE GAROTO CAMINHANDO NA POEIRA,
MARUJO DE OUTROS TEMPOS SOBRE ANTIGO MAR.

VOZES DE SINOS, CANÇÃO FELIZ DE OUTRA NOITE,
QUE FICOU NA MEMÓRIA COMO ESTÁTUA DE SAL,
MORTA PAISAGEM NAS DOBRAS DAS CORTINAS,
AUSÊNCIA FELIZ DE UM DISTANTE NATAL.

definível assim como Deus não pode ser definido? Com isso não concordaria Santo Agostinho: no seu livro, pouco conhecido, «De musica libri VI», atribui à música a tarefa de compensar a invisibilidade de Deus, revelando-o através de sons. Com efeito, as vezes ocorrem dentro da aparente monotonia do cantochão momentos de «luz musical» que iluminam a noite da basílica assim como os círios iluminam as naves das sombrias catedrais góticas na noite de Natal. O cantochão, assim como Deus, também tem atributos positivos. A simplicidade e «inexpressividade» assustadoras do cantochão apenas correspondem ao aspecto «negativo» da Divindade, aquilo a que os músicos chamam «da noite escura». Os estudos modernos de psicologia da religião falam em «Numen», que é «o supra natural sem representação exata». A falta de harmonia e expressividade e a relativa falta de melodia no cantochão parecem corresponder a esse «sem representação exata». Na verdade, o cantochão não é isto — mais um «não»; mas estão aí as suas origens históricas, cuja explicação contribui para aproximá-lo da nossa sensibilidade musical, todo diferente.

As melodias do cantochão são, no fundo, recitativas; não se afastam muito de um único som, obstinadamente mantido. A melodia do Pater Noster é o exemplo mais conhecido disso. Isso se explica pelo fato de o Pater Noster, assim como a maior parte dos textos litúrgicos, estar em prosa. A música grega — e esta forneceu fundamentos para o cantochão — não conhecia porém melodias para acompanhar textos em prosa, e sim apenas para poemas. Daí os recitativos litúrgicos. Mas o cantochão é isto e mais outra coisa: amplia-se por certos ornamentos melódicos e vocalises. Basta citar as Prefações, os Hallelujas pascais e as formas diferentes do «Ite, missa est». Esses ornamentos são de origem oriental; constituem, por assim dizer, a contri-

buição dos magos que vieram adorar a criança divina. O milagre que os compositores anônimos do cantochão realizam é a síntese orgânica daqueles dois elementos — da simplicidade monótona dos recitativos e da elevação mística dos vocalises — de modo que o cantochão é uma música perfeita, expressão completa de um determinado «sentimento do mundo», que é especificamente cristão ou antes especificamente «católico», na acepção original de «katholikos»: universal, do mundo inteiro, de todos os tempos «usque ad consummationem saeculi». Assim o cantochão foi entoado nas basílicas romanas. Assim o cantochão ecoava nas paredes dos mosteiros do Ocidente. Assim o cantochão é cantado, através dos séculos, até hoje, por gerações e gerações de monge, sem interrupção, sem solução de continuidade, com fidelidade absoluta. O milagre do nascimento do cantochão renova-se todo dia, às altas horas de madrugada, quando poucos fiéis se reúnem em meio do frio ainda noturno da igreja para ouvir as melodias estranhas, dir-se-ia exóticas, do cantochão — do «Introibo ad altare Dei» até o largo movimento musical com que a Igreja despede os «circunstantes» para voltarem à vida profana: «Ite, missa est. O milagre do nascimento do cantochão renova-se particularmente na madrugada daquela noite que é — lá, longe — a mais fria do ano, quando se levanta depois dos silêncios do Advento o «Glória in excelsis Deo, et in terra pax hominibus bonae voluntatis».

Resta definir aquele «sentimento do mundo» de que o cantochão é a expressão musical. Então convém lembrar a contribuição do Oriente para a liturgia romana: a parte dos magos. A próxima associação — porque só de associações e analogias de sentido muito largo se trata — é a da «civilização mágica», conceito em que Spengler incluía as civilizações do judaísmo, do Oriente hellenizado, do pri-

meiro cristianismo, dos primeiros árabes: é exatamente o mundo que cria o cantochão. O símbolo arquitetônico dessa civilização mágica seria a cúpula, construção que limita o espaço em cima dos fiéis, representando o céu fechado em cima do mundo. Para ficar na comparação, a melodia ornamentada do cantochão, de origem oriental, simbolizaria musicalmente a «cúpula mágica». Mas o cantochão é isto e mais uma coisa: também é a monotonia dos recitativos, através dos quais se faz ouvir a palavra da Revelação; compensa-se assim, conforme Santo Agostinho, a in-

visibilidade de Deus, que é revelado em sons «simples e terríveis». Este já não é o Deus «absconditus» da «teologia negativa» e sim o Deus de face descoberta, o da Teofania de Natal perante os pastores e magos. Perante essa revelação, cuja luz ilumina e como abre a cúpula fechada do Advento, a própria História parece imobilizar-se; os séculos ficam parados. Com efeito, o cantochão nunca mais mudou: música extratemporal, cantada com fidelidade absoluta durante os séculos a fio — «ecce ego vobiscum sum omnibus diebus, usque ad consummationem saeculi».

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor — SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

Secretário de Redação

EDUARDO MARTINS

Redatores:

Carlos Romero — Dulcídio Moreira

George Mattos — Juarez Batista

JOÃO PESSOA

PARAIBA

EDIÇÕES NORDÉSTE

PARA iniciar o seu movimento editorial, a revista «Nordéste», que se edita no Recife sob a orientação de Esmaragdo Marroquim e do escritor Aderbal Jurema, programou os seguintes lançamentos: «Provincianas», crítica literária, de Aderbal Jurema; «Cachaça», contos, de Francisco Julião; «Cantos da hora undécima», poemas, de Cezário de Melo, com ilustração e capa de Ladjane; «O Relógio», poemas, de Craveiro Leite; e «O Mar e o Tempo», poesias, de Carlos Moreira.

Sermão do Arcebispo na Catedral

(SEGUNDO ÁTO DO "CRIME NA CATEDRAL")

T. S. ELIOT

GLÓRIA a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos homens de boa vontade». Décimo-quarto versículo do segundo capítulo do Evangelho, segundo São Lucas. Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, Amen!

Meus queridos cordeiros de Deus: meu sermão desta manhã de Natal será bastante curto. Desejo apenas que mediteis em vossos corações o significado e o mistério profundo da nossa missa nêsse dia único; pois tôdas as vêzes que ela é celebrada, revivemos a Paixão e a Morte do nosso Pai; e nêsse dia de Natal assim procedemos para celebrarmos o Seu nascimento. Essa é a razão porque nos regozijamos a um só tempo com a Sua vinda para a salvação dos homens e oferecer mais uma vez a Deus o Seu Corpo e o Seu precioso Sangue em sacrifício, oblação e redenção de todos os pecadores do mundo.

Foi nessa noite há pouco linda que uma multidão de emissários divinos apareceu aos pastores de Belém cantando: «Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos homens de boa vontade». Todos os anos, nessa mesma data comemoramos o nascimento do nosso Pai, Sua Paixão e Morte na cruz.

Meus filhos amados: aos olhos do mundo esse comportamento é um tanto estranho e raro; pois quem no mundo se entristecerá e se alegrará a um só tempo e por uma mesma razão, quando sabemos que nem a alegria se coaduna com a tristeza, nem a tristeza com a alegria? Contudo, somente nos nossos mistérios cristãos é-nos possível sentir a tristeza e a alegria a um só tempo e por uma mesma razão. Mas, pensemos alguns instantes no significado profundo da palavra «paz». Não vos parece estranho terem os

anjos anunciado Paz, quando tem sido incessantemente abalado por guerras e pelo terror da guerra? Não vos parece também que as vozes angelicais se enganaram e que a promessa anunciada tenha sido mistificação e lógro?

Reflitamos agora: como Ele nos falou de Paz? Disse Ele aos Seus discípulos: «Minha paz eu deixo convosco, minha paz eu deposito em vossos corações». Quiz Ele referir-se a essa paz comesinha da qual falamos constantemente —

o reino da Inglaterra em paz com os seus vizinhos, os barões em paz com o rei, os latifundiários contando pacificamente os seus haveres, de corações tranquilos, tendo o melhor vinho pôsto à mesa para o deleite dos amigos, suas mulhe-



...e paz na terra aos homens de boa vontade"

Xilogravura de OSWALDO GOELDI

res embalando o berço, cantando para os filhos menores? Aquêles homens — Seus discípulos, não conheceram tais privilégios; ao contrário, lançaram-se numa penosa e longa caminhada, sofrendo as intempéries da terra e do mar, fazendo face a torturas, prisões e incompreensões, para finalmente morrerem como simples e obscuros mártires. Que quiz Ele então dizer com isso? Se tentais perguntar, lembrai-vos pois que Ele também disse: «Não como o mundo dá, mas como eu vos dou». Sim, Ele deu paz aos Seus discípulos, mas não essa espécie de paz que o mundo oferece...

Devemos também considerar uma coisa na qual talvez jamais tenhais pensado antes: não comemoramos pelo Natal apenas o Nascimento e a Morte do nosso Pai; mas, no dia seguinte, comemoramos outrossim o martírio do seu primeiro apóstolo — o sagrado Estefano. Porventura terá sido um mero acidente — já pensásteis bem nisso? — ter-se o dia do primeiro mártir se seguido imediatamente ao do nascimento do Cristo? De modo nenhum! Da mesma maneira que nos regozijamos e nos entristecemos a um só tempo com o Nascimento e a Paixão do nosso Pai, também — embora em menor escala, nos alegamos e nos entristecemos com a morte dos santos mártires. Choramos pelos pecados do mundo — que contribuíram para torná-los mártires; nos alegamos por outro lado, em ter mais uma alma ido juntar-se ao número dos santos no céu, para a glória de Deus para a salvação dos homens.

Meus filhos amados: não devemos pensar num mártir simplesmente como um bom cristão que foi morto porque era cristão; isso seria apenas motivo de tristeza; nem tampouco devemos pensar nêle simplesmente como um bom cristão que foi elevado à categoria de santo; porque isso seria apenas um motivo de alegria. E, nem a nossa alegria, nem a nossa tristeza são iguais às do mundo. O martírio cristão não é

jamais um acidente, porque os santos não são feitos por acidente. E, no martírio cristão, muito menor ainda é a vontade do homem para se tornar santo, porquanto um homem, com a sua ambição e sua sede de poder pode tornar-se apenas um déspota, um mero condutor de outros homens. E o martírio cristão é sempre um designio de Deus — amor pelos homens, Seu desejo de orientá-los e trazê-los de volta aos Seus verdadeiros caminhos. Não é jamais um designio do homem; porque o verdadeiro mártir é aquele que se tornou um instrumento de Deus, que perdeu sua von-

tade na vontade de Deus, e que não deseja mais nada para si, nem mesmo a glória de ser um mártir! Assim, como na Terra a Igreja se entristece e se alegra a um só tempo, numa maneira que o mundo não pode compreender, no Céu, os santos estão mais altos, tendo feito de si mesmo mais humildes; porisso são vistos, não como nós os vemos, mas na luz que emana da Divindade — da qual eles recebem, por sua vez, a sua existência.

Queridos cordeiros de Deus: hoje eu vos falei dos mártires do passado, pedindo que vos lembreis especialmente do nosso már-

tir de Canterbury, o sagrado Arcebispo Elfege; porque faz-se mistério, no dia do nascimento do Cristo que nos lembremos daquela Paz que Ele nos trouxe; e porque também, meus amados filhos, não creio que vos falarei jamais. Sim, é bem possível que dentro de poucos instantes termais um outro mártir — que, no entanto, talvez não seja o último... Gostaria que conservásseis em vossos corações as palavras que vos acabo de dirigir e que vós penseis outras vezes mais. Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, Amen. — (Tradução de GASPARINO DAMATA).

UM POETA A-TÔA

SALDANHA COELHO

ESTE ano, se por um lado temos tido maior quantidade de estréias e mesmo de novos livros de jovens escritores, por outro parece estar diminuindo o valor qualitativo de seus trabalhos. Na poesia, sobretudo, notamos a ausência quase total de produções que mereçam maiores elogios, ressaltando-se uma ou outra, como no caso das de André Carneiro com, «Angulo e Face» (Edições de Cadernos do Clube de Poesia, de São Paulo), ou as de Edson Regis, com «O Deserto e os Números». Vêm muitos livros, fala-se muito em renovação (refiro-me, insisto, à poesia, porque na ficção, realmente, se está formando uma nova fisionomia, diferente da que temos cristalizada pelos nossos melhores escritores) mas, em verdade, as influências persistem nos bons e maus poetas que se iniciam. Carlos Drumond, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Cecilia Meireles existem na poesia dos moços como um «mal» para que ainda não se conseguiu «remédio».

Na prosa reside por certo o êxito literário de 1949. Os jovens ficcionistas se apresentam com livros melhor realizados, expõem novas experiências, mostram-se menos próximos dos nos-

sos romancistas e contistas do que dos mais famosos escritores da literatura universal. Conheço e tenho dezenas de livros de poesia e prosa de novos escritores e deles posso tirar essa conclusão. «Cogumelos», de Breno Accioly (superior a «João Urso», seu primeiro livro). «O Cacto Vermelho», de Lygia Fagundes Teles (também de melhor nível que «Praia Viva» e «Porão e Sobrado»), «A Cidade Sitiada», de Clarice Lispector (este muito menos expressivo que «Perto do Coração Selvagem») e «Vidas Marginais», de Moreira Campos (recente estréia) constituem expressivas contribuições para enriquecimento da ficção brasileira. Os livros de Breno Accioly, Lygia Fagundes Teles e Moreira Campos são de contos; o de Clarice Lispector é um romance. Não se encontra neles a presença «reconhecível» de um Otávio de Faria, Graciliano Ramos, Ciro dos Anjos, José Lins do Rego, Marques Rebelo, Cornélio Pena ou outro romancista.

Aos jovens poetas André Carneiro e Edson Regis vem juntar-se agora um estreante do Rio Grande do Norte, Antonio Pinto de Medeiros, com o livro «Um Poeta A-tôa». Embora transpareça em seus versos uma leve influencia do vo-

cabulo poético de Vinicius de Moraes, «Um Poeta A-tôa» está impregnado de uma atmosfera tragipoética que se dilui em imagens próprias, que se fragmenta em face de um lirismo triste, misto de solidão e revolta. «Morte» e «Sangue» são presenças que reincidem em cada tema, reaparecem á medida que se deslocam de um a outro poema. O autor, á exceção de raros de seus trabalhos, marca inconscientemente a «alma» de sua poesia, revelando-a nessas palavras que se ligam por uma afinidade tão grande. «Morte» e «Sangue» são uma espécie de seiva de sua inspiração e nascem com ela, com a espontaneidade com que se esboçam numa pétala nuancas de uma mesma cor.





Jorge Barradas — ANUNCIAÇÃO

CANTO DE NATAL

MANUEL BANDEIRA

O NOSSO MENINO
NASCEU EM BELÉM.
NASCEU TÃO SOMENTE
PARA QUERER BEM.

VEM PARA SOFRER
A MORTE NA CRUZ
O NOSSO MENINO.
SEU NOME É JESUS.

NASCEU SOBRE AS PALHAS
O NOSSO MENINO.
MAS A MÃE SABIA
QUE ELE ERA DIVINO.

POR NÓS ELE ACEITA
O HUMANO DESTINO.
LOUVEMOS A GLORIA
DE JESUS MENINO.

TARDE DE NATAL

Conto de LINDUARTE NORONHA

NAQUELA tarde mansa de Natal, na fazenda Brejeira, o velho Totonho, africano dos bens distintos, sentou-se no banquinho de madeira, sob o cajueiro frondoso. Grande esforço para fazer o percurso de sua choupana até ali. Tremulo, corcundo, com o cajado na mão direita, ajeitou-se devagar, no estreito assento e ficou a contemplar a fazenda em festa, comemorando o Natal. Pele encarquilhada. Carapinha branca.

Lá dentro o barulho de vozes. Dona Xandoca comanda a turma de empregadas na cozinha, na fabricação dos bolos grandes e doces. Galinhas gordas, perús, uma infinidade de suculentos pratos afim de comemorar a visita dos dois filhos: um médico e um engenheiro, que revivem os bons tempos, todos os natais.

A maior alegria de dona Xandoca é no dia vinte e cinco de dezembro. Derrama nêlé, as saudades do coração, presas durante o ano. O cuidado redobra na preparação das comidas. A boa senhora quer demonstrar o amor materno através do carinho e dos quitutes...

Totonho tudo disso sabe. Viu a luz do dia ali, a uns bons oitenta anos, quando o coronel Zé Pedro era moço e corpulento dentro dos seus vinte e um anos, de chibata na mão, cavalo guapo como monarquia correndo os infideis canaviais.

Carreiro, fora a profissão de Totonho. Carreiro gigante e agil. Não havia lama nem ladreira ingreme que ele não as vencesse, sob o canto prolongado e melancólico acompanhado do chiado das rodas e do compasso lento dos bois morosos.

Ao som do "ecourê-lou" viveu a adolescência, a juventude, a velhice. Quando esta o proibiu de continuar, os netos de patrão deu-lhe como recompensa, aquela choupana solitaria no meio dos canaviais, mal coberta e tapada. Na cama de varas. Totonho passa os dias e as noites. A negrinha Dalila leva-lhe os pratos diários. O antigo carreiro se entrega, depois à meditação sobre os passados dias e muitas vezes chora. Trampo imprestável que já foi forte, hoje, esta doença a que se chama velhice, o mata aos poucos no isolamento cruel do retiro velho, sem conforto.

Banhado pela tristeza e saudade, velho Totonho resolveu espiar no terreiro da fazenda, o dia claro de Natal.

Caiu luz do dia no colorido do crepúsculo. A figura do velho confundiu-se com a escuridão. Apenas um cérebro iluminado pelas recorda-

ções jaz quieto a espera dos dois sinhozinhos.

Motor de automovel. Toda a casa corre ao porão a receber os doutores. Dois rapazes guapos e elegantes entram na sala. Totonho recolhido na solidão da noite vê dois garotos peraltas nadando no açude, chapando cano, pedindo-lhe para contar histórias da África. O crescimento, o estudo, a formatura depois... Já mais os dois rapazes que entraram sob festins em seu lar enfeitado, soberão da presença de um fragmento de homem triste que medita e tem saudades. Jamais saberão da existência de um velho serrado sob o cajueiro, com os olhos arejados de lágrimas, o corpo encolhido pelo frio, a esperam que eles venham, como outrora, nas noites de Natal, pedir-lhe, sentado junto dele, para contar-lhes histórias de papai Noel.

Não, velho Totonho.

Teus meninos brancos de ontem são homens hoje. Trazem nas cabeças as grandes definições teóricas, as leis imutáveis, os cálculos profundos e as grandes hipóteses. Nunca mais velarão a se sentar em teu colo para ouvirem as narrativas sobre papai Noel. Podés ficar taciturno nessa solidão, ao reflexo das estrelas remotas como as tuas lembranças, sentido o cheiro das flores do cajueiro...

Um mugido prolongado fere a noite calma. Totonho volta a cabeça e vê o Malhado em pé, na orla dos canaviais. Fora seu melhor boi de canga durante os últimos vinte anos. Como ele, está velho e acabado. O coro não servia para nada e deixaram-no vivo, desprezado. Malhado parece um feixe de ossos. Tísico, cambaleia pelos passos, sem comer, cansado do trabalho quando moço. Passa as horas mugindo, como se lamentando, ou talvez como Totonho, sentido o fulgor dos tempos idos.

Boi de carga e escravo velhos. Restos mortais de um a subserviência extinta. Dois amigos acabados e leais onde medram nos corações as urzes do esquecimento e que pelo milagre da velhice tornam-se iguais e "humanos".

SONETO

JOSÉ ALBANO

BOM Jesus, amador das almas puras,
Bom Jesus, amador das almas mansas,
De ti vêm as serenas esperanças,
De ti vêm as angelicas doçuras.

Em toda parte vejo que procuras
O pecador ingrato e não descansas,
Para lhe dar as bem-aventuranças
Que os espiritos gozam nas alturas.

A mim, pois, que de mágoa desatino
E, noute e dia, em lágrimas me banho,
Vem abrandar o meu cruel destino.

E, terminado este degredo estranho,
Tem compaixão de mim, Pastor Divino,
Que não falte uma ovelha ao Teu rebanho!

«LIÇÕES DE COISAS»

NOTICIA-SE o próximo lançamento por uma das editoras desta capital, das «Lições de Coisas», de Calkins, em tradução de Rui Barbosa. Esse livro, vale registrar, é frequentemente atribuído ao autor da «Replica».

Natal de um Menino de Engenho

JOSÉ LINS DO RÉGO

PELOS engenhos do sul da Paraíba nunca ouvi falar em natal, noite de natal, árvore de natal, papae Noel. Noite de festa era como chamavamos ao grande dia. Para os meninos e para os moleques do engenho a festa era o grande marco do ano. A nossa vida se contava de antes e depois da festa. Mas falando dessas coisas uma grande saudade, destas que se enfincam de coração a dentro me obriga a recordar o velho engenho Corredor que anda hoje caindo aos pedaços, especie de pobre rei Lear, abandonado de todos, sem grandeza, entregue em mãos negligentes e impiedosas.

Esperavamos a noite de festa, no Corredor, os meninos e os moleques com os mesmos planos feitos. O engenho ficava a uma meia legua do Pilar. Logo de tarde, após o recolhimento de gado aos currais os moleques iam para o rio tirar o lodo do corpo. O meu avô esperava por eles que chegavam metidos na roupa nova de brim fluminense ainda com a goma da peça e muitos com os letreiros da fábrica. Era o único dia do ano em que botavam roupa sem remendo. Até outro Dezembro teriam aquele terno para os dias santos, os feriados, os dias úteis. Vinham então todos para a prota da sala de jantar aonde o senhor distribuía para cada um, uns niqueis de gratificação. Bem que para eles valiam uma portuna as moedas de cruzado que o velho lhes dava. Mas antes de sair ouviam o seu discurso. O cel. José Lins falava para os seus suditos com gravidade. Nada de barulho, nem de vadiagens. Andassem direito, não se metessem com os moleques da rua que eram uns malandros. E acabada a missa voltassem logo para a casa pois o gado tinha que sair cedo para o pasto. Os meninos da casa-grande ficavam para um canto olhando os moleques

que primeiro do que eles saíam a pé para a vila. Primeiro do que eles iriam para o capilé, para os botequins, de folhas de palmeiras, ouvir a música nos dobrados, ver o povo no jogo de bozó. Com pouco mais saíamos em carro de boi para a festa, com as tias e a minha avó cega. O meu avô, a cavalo, acompanhava o passa lerdo da carruagem. E com pouco estávamos no Pilar, na casa do juiz, onde armavam uma lapinha, com pedrinhas do rio, carneiros pastando e o menino de Deus, olhando tanta coisa bonita, de palanque, adorado de bichos e de anjos. A lapinha do juiz era melhor do que a do major Deodato. Outros achavam que não, que a do major era a mais bela lapinha do mundo. A vila do Pilar em tempos de festa se dividia, assim. Havia os que só iam a lapinha do juiz e os que só falavam da do major com a mulher dele, uma morena bonita que sabia como ninguém arranjar bichos e anjos para o Menino Deus. Nós do en-

genho íamos também á casa do major. Eramos ali uns principes, cortejados por todos os partidos. Lá por fóra era por onde queríamos andar. As luzes do carboreto iluminavam o pátio da matriz, tremendo ao vento, piscando como doentes dos olhos. Corriamos para os moleques, confraternisávamos com eles. Os copos de capilé, as bróas, os bolos de goma, as cocadas, até a hora da missa eram o nosso beber e comer. Os moleques de cacêtes na mão não se uniam com os outros da rua. Havia sempre provocação destes que olhavam os matutos com desprezo. Saíndo briga o cacête dos nossos quebrava cabeça na certa. Os nossos levavam a vantagem de serem do engenho Corredor, eram moleques do Prefeito. Os soldados do destacamento não prendiam moleques de bagaceira tão ilustre.

Ficávamos com os nossos companheiros, bebendo capilé, tirando sorte, olhando as matutas que só ficavam em grupos, amoitadas, sem

se separarem uma da outra. Tinham medo de se perderem naquela metrópole que era o Pilar.

Depois vinha a missa campal, o padre gritando gritando por silencio, e o povo rumorejando. Os jogos de caipira paravam de bater na hora da missa. E quando o padre elevava o Senhor, mulheres estiravam os braços para o altar, pedindo a Deus por elas, pelos maridos, pelos filhos. E acabava assim a nossa noite de festa. Os brancos voltavam para a cama e os moleques tinham o gado para levar para o pasto... Papae Noel nunca existiu para nós. Quem dava dinheiro aos moleques e aos meninos era um velho de barba rala o velho José Lins do Corredor.

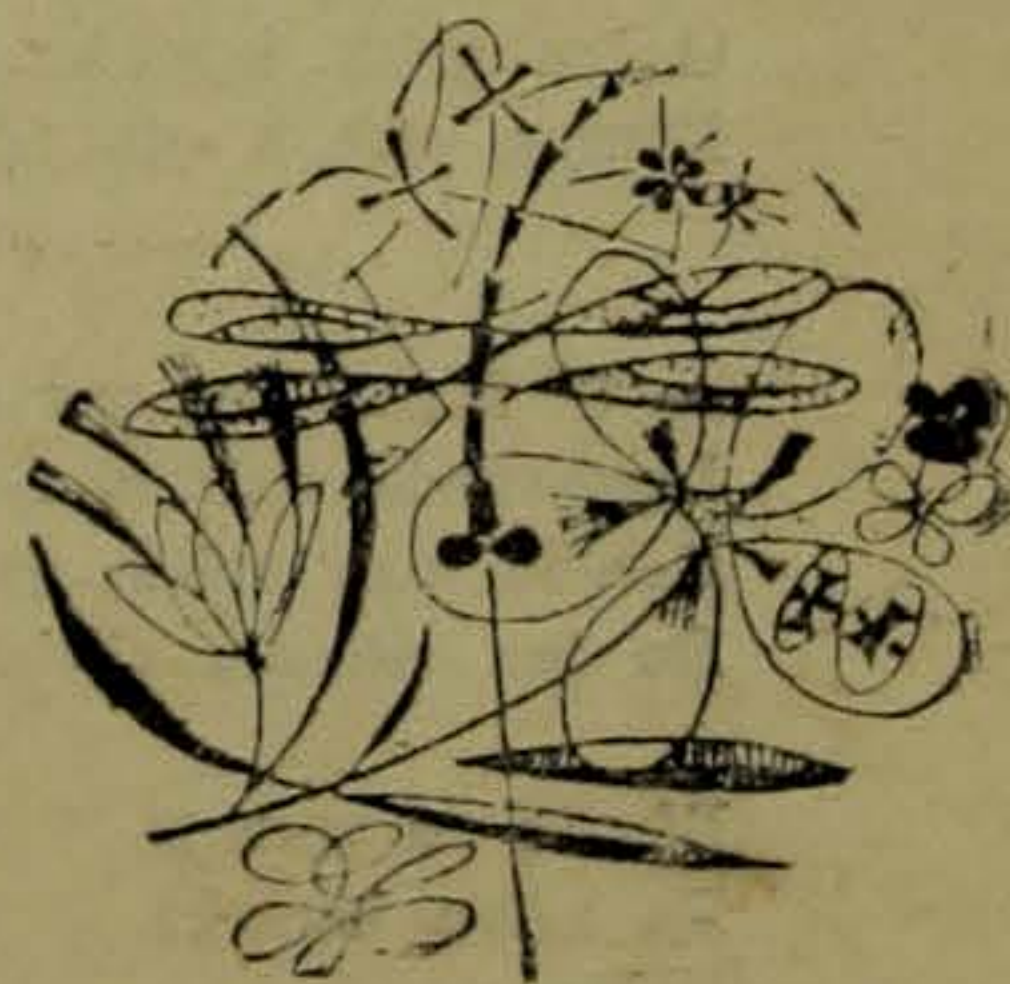
ANTOLOGIA POETICA

EM SELEÇÃO com prólogo de José Maria de Cósio, a Espasa-Calpe Argentina, incorporou à Coleção Austral «Antologia Poética», de Emilio Carrere, o grande poeta boêmio espanhol, falecido há cerca de dois anos. «Carrere — escreve Cósio — guardou a mais completa fidelidade a esse tipo de vida tecida com recordações de Murger, postas em confronto com sua própria observação da vida sem disciplina, gasta em sonhos e pesadelos noturnos em cafés sórdidos». A coletânea está dividida nas seguintes partes: «Versos de boemia», «Baladas», «Líricas», «Versos de Piedade» e «Do mistério e da morte».

POEMA DE NATAL

JORGE DE LIMA

FELIZ de quem quando o ano termina
possue um doce e acolhedor abrigo:
a companheira, o filho, a avó tão rara,
ou mesmo o amigo
com quem possa se reunir em Cristo;
e a sua vida interior desperte viva
uma alma de São Francisco dentro de si:
o amor generoso, o heroísmo estranho
de beijar um leproso,
de lembrar-se de que ha no mundo
creaturas de Deus pelo Natal
sem companheira, e sem a avó tão rara
e sem um beijo de mãe ou de um filho
e até sem um livro que substitua o amigo.
Feliz de quem quando o ano termina
póde ver a estrela no céu
e tem olhos ainda
para encontrar Jesus.



O Natal dos que Sofrem!

OLIVEIRA E SILVA

— O SOMBRIO Natal dos sentenciados,
Dos que não contam mais ser libertos,
Olhando o céu, de olhos parados!

— Natal dos doentes sem esperança,
Que procuram, na luz de alguma estrêla,
Um alívio, um sinal, para a última viagem!

— Natal dos poetas vencidos,
Mirando a própria paisagem,
Meio espantados, incompreendidos!

— Natal dos que cultivam, quase a medo,
O sonho de ser, no próximo, felizes,
E, antes, se vão com o grande segrêdo!

— Natal das crianças mutiladas,
Que não ousam pedir um só brinquedo,
Contentes com um par de muletas novas!

Daqueles que perderam tôda a fé,
Enquanto a oração lhes murcha nos lábios
Não sabendo o que fazer da vida!

— Natal dos cegos que tateiam
Longe, na esplêndida miragem,
A Criança Iluminada e a Grande Estrêla!

— Natal daqueles que não têm mais lágrimas
Para chorar, sentindo
O coração sem acústica.

Daqueles que, com um morto querido,
À hora da ceia, quando os rostos brilham,
Percebem que há um lugar vazio!

— Natal dos marinheiros solitários,
Ouvindo o ressôo das ondas do tempo,
Dos anos vividos, em pleno mar alto!

— O' amargo Natal dos derrotados,
Dos exilados e desesperados,
O teu grito é maior do que o canto dos sinos,
Rompe, com a sua vibração, todo o rumor!

— O' Natal dos que provam o fracasso
Lembrando outros, felizes, diferentes,
Recebo, nas mãos, as lágrimas quentes
Do teu silêncio cheio de dôr!

Diante do meu presépio, que irradia,
Na mēsa transbordante de alegria,
Baixo a cabeça, de pudor!



Cantar de La Virgen Maria Adurmiendo Al Niño Jesus

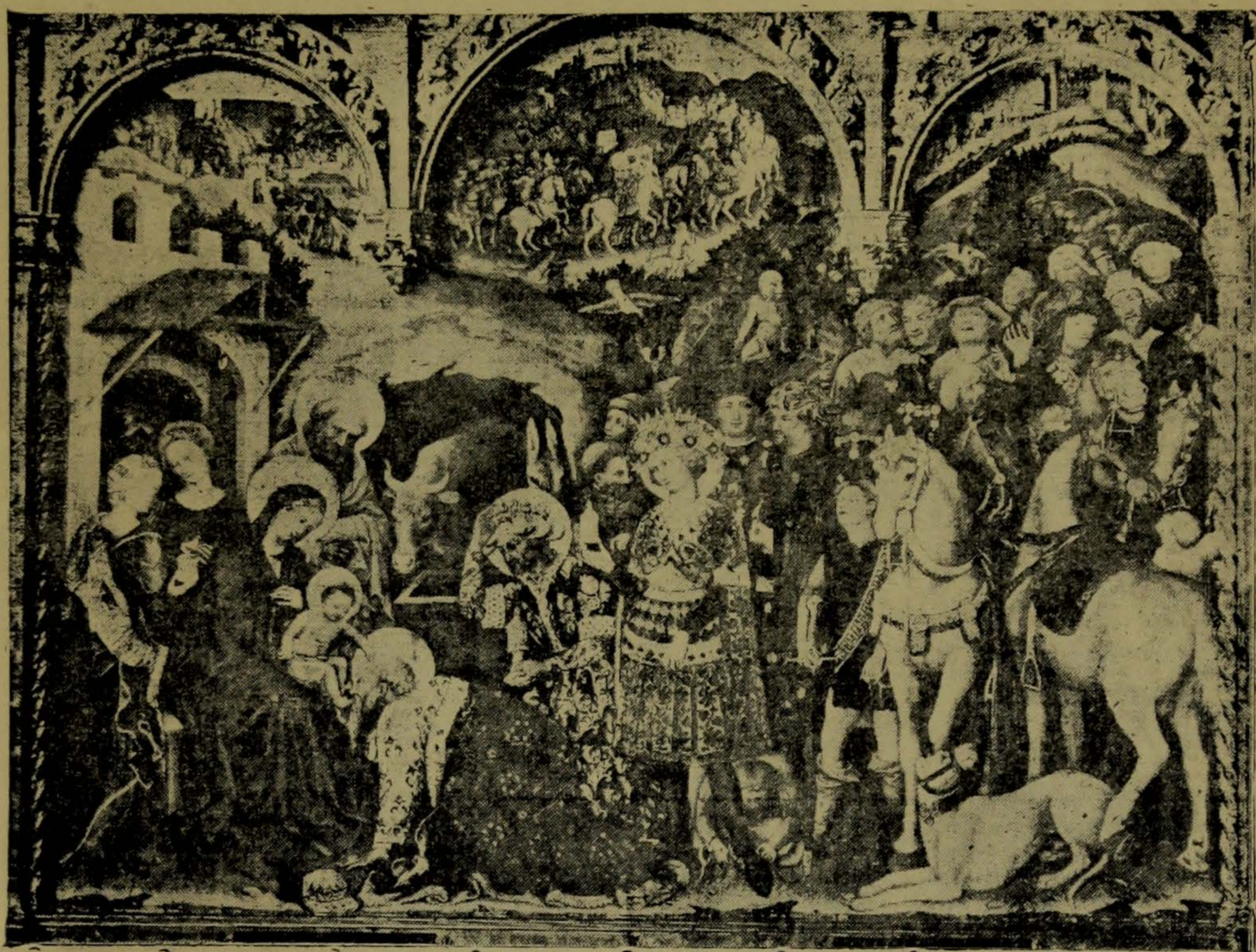
LOPE DE VEGA

P UES ANDAIS EM LAS
[PALMAS,
ANGELES SANTOS,
QUE SE DUERME MI
[NIÑO
TENED LOS RAMOS.

PALMAS DE BELÉN
QUE MUEVEN OIRADOS
LOS FURIOSOS VIENTOS
QUE SUENAN TANTO,
NO LE HOGÁIS RUIDO,
CORRED MÁS PASO;
QUE SE DUERME MI
[NIÑO,
TENED LOS RAMOS

EL NIÑO DIVINO,
QUE ESTÁ CANSADO
DE LLORAR EN LA
[TIERRA
POR SUA DESCANSO,
SOSEGAR QUIERE UN
[POCO
DEL TIERNO LLANTO;
QUE SE DUERME MI
[NIÑO,
TENED LOS RAMOS.

RIGUROSOS HIELOS
LE ESTÁN CERCANDO:
JA VEIS QUE NO TENGO
CON QUÉ GUARDARLO.
ANGELES DIVINOS,
QUE VAIS VOLANDO,
QUE SE DUERME MI
[NIÑO,
TENED LOS RAMOS.



Adoração dos Magos (1423) — GENTILE DA FABRIANO — (Galeria dos Ofícios, Florença)

O VERBO E A MÚSICA

JOÃO DA VEIGA CABRAL

SIM, há uma certa... E esta é grata à alma do músico cristão: Dos lábios do Divino Mestre fluíram as palavras de uma prece, em entoação musical. Jesus cantou, narram os evangelhos. Lá está, em S. Mateus, em S. Marcus, a lacônica porém bem clara e positiva revelação. Fonte da Verdade e do Bem, fizeram da Música aqueles lábios, por um momento, o veículo da Palavra que jamais passará. Para a Música é esta a sua magna consagração cristã. A Santificação de uma Arte à qual os Antigos, numa interpretação unânime, já atribuíam

uma origem divina...

Ao fato se refere a narração evangélica, na sua austera singeleza. E, assim fazendo, transporta-nos, em imaginação, a um dos mais comovedores episódios daquela jornada de martírios que foi a peregrinação terrena de Jesus. Esse episódio ocorreu no final da Última Páscoa, a Santa Ceia, tão prodígia de transe doloroso para o coração divino e, ao mesmo tempo, humaníssimo do Messias. Um fim, carregado de trágicas ameaças, aproximava-se, celeremente. A traição e a negação, o grupo e a coroa de espinhos; a bacia de

Pilatos, a vitória de Barrabás, a cruz que os juízes da Iniquidade estavam erguendo no Calvário, distavam, apenas, algumas horas, daquele momento supremo, com a sua sequência atroz de cenas implacáveis. Vagas previsões desse desenrolar de horrores já andavam atormentando o espírito dos que, ali reunidos, fruíam a amarga doçura daquele último contacto íntimo com o Mestre bem amado. E foi, justamente, ao terminar aquela última refeição comum com os discípulos que Jesus cantou, com eles, um hino. Qual tenha sido este não foi, pelos

evangelistas, revelado. Como é de presumir-se, um cântico da liturgia paschal. Com as mesmas palavras, simples e contadas, nos descrevem os mencionados evangelistas, a Cêna augusta e tão profundamente tocante, na sua celestia e, também, humana significação: "... E, tendo cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras"...

Das Artes fora, assim, aquela que justamente não conhece os limites da imagem nem da forma, chamada em primeiro lugar ao serviço mais alto da Grande Religião nascente.

Aquele cântico com

que o Senhor encerrava a grande penúltima tarefa da sua missão sobrenatural, significara para ela, a Música, o seu batismo cristão. Que o honrou e que com ele se elevou, di-lo a sua esplendorosa história destes dois últimos milênios.

E quem estuda a história musical destes vinte séculos da Era Cristã está estudando, mesmo sem o querer, a história do próprio Cristianismo e da sua civilização. Porque nunca uma Arte tão intimamente, tão exclusivamente se ligou a uma fé religiosa. Não podem valer, para esta tese, as citações comparativas que se queiram fazer com a prática musical dos povos da Antiguidade e o seu mais alto representante, o povo helênico. Essas gentes empregavam, sem dúvida, a Música, nos serviços dos seus cultos religiosos. De maneira muito bela, muito convincente — admitamos — como também assim o faziam com outras Artes, entre as quais a escultura e a arquitetura. Mas todas elas tinham múltiplas formas de emprego, entre aquelas nações, dentro das suas respectivas organizações políticas e sociais. Na Grécia — para exemplificar se a Música servia ao ritual religioso, era ainda ela que conduzia a melopéia das tragédias, que unia as vozes do povo nas suas festas coletivas, que dava expressão aos seus sentimentos de alegria e de dor, nos fatos sociais em que se transformava ora em Peda triangular, ora em Mimenéu nupcial, ou no tristonho Treno Luuoso. Era canto de guerra, de vingança, de vitória, de sacrifício, de festa, de sensualismo, de pagodeira orgiaca, indissolúvelmente vinculada à dança e à poesia, em todas as civilizações de antes

do advento cristão. Ao culto dos deuses dava, tão somente, pequena parte de si mesma. E assim era quando o fim dos tempos esmagou a Civilização a que servia, reduzindo essa a um passado de escombros. E quando, sobre esses escombros se erguia, para a Humanidade, a madrugada de uma nova civilização...

Sim — como já afirmamos — nunca uma Arte se ligou, tão intimamente, tão exclusivamente a uma Fé Religiosa como aconteceu com a Música e a Religião de Cristo, logo no seu alvorecer. E nunca se viu aliança de uma Arte e uma Crença, tão plena de amor, tão geradora de mútuos aperfeiçoamentos e de benefícios recíprocos. Admirável é observar-se, então, que ao serviço exclusivo, único, inteiramente absorvente da Igreja que a recrutava entre as demais manifestações artísticas suas irmãs, esteve a Música não durante um período de alguns anos ou de um século, mas, sim, através o perpassar de mil anos, de um imenso e consecutivo milênio!

Com efeito, duas poderosas argamassas ligaram e consolidaram as pedras dos alicerces e de todo o edifício da Igreja que o Redentor fundara com a luz dada sua revelação e o sangue generoso do seu sacrifício. E essas foram a Palavra dos apóstolos e a Música que transformava em cântico essa palavra, nos momentos de maior fervor religioso.

Numa visão geral, a *vol d'oiseau*, da História da nossa civilização, podemos constatar, deslumbrados, os magníficos e ininterruptos serviços prestados, pela Arte dos Sons, ao integral cumprimento daquela recomendação do Mestre aos seus discípulos de que, a cada canto da

Terra e a cada Povo, levassem a sua mensagem. Desta, foi a Música — unida ao verbo do Missionário — a suave, a convincente, a irresistível mensageira, que penetrava em todos os corações, ainda os mais fechados e endurecidos quer pela ignorância, quer pela maldade. Verdade, Santidade e Beleza, constituem-se a triplice arma com que o Cristianismo entrou na luta de todos os seus dias, pela conquista do espírito humano. E a Música, como o terceiro desses elementos — o argumento estético — nunca falhou na sua tarefa de abrir caminho nas almas em que os dois primeiros jamais poderiam penetrar, a não ser pelas vias da sensibilidade e da emoção...

Vemo-la, assim, à ex-celsa Arte, acompanhando a Igreja de Cristo na sua peregrinação heróica, interminável, consiente, pelos espaços dos séculos e pelos espaços geográficos do mundo, na semeadura da vinha do Senhor. E, enquanto lentamente crescia a colheita da Conversão e da Fé, ela crescia também, em corpo e espírito, aprimorando os seus caracteres, aperfeiçoando as suas perfeições, assenhoreando-se, cada dia que passava, de novos e mais formosos meios para a sua integral manifestação.

Despida, inicialmente, dos adornos carnais do ritmo e do gesto, ela foi melodia pura, intuitiva, singela, nos lábios lívidos dos primeiros cristãos, quando estes oravam por entre os mistérios e as sombras das catacumbas de Roma, debaixo da inexorável ameaça da polícia de Cesar. Sonorizou, em cantos comovidos, toda a aflição e toda a esperança daquelas almas tão tímidas e, a uma vez, tão valorosas, inermes porém irreduzíveis, diante da sedução do su-

bornio e do horror do martírio.

E melodia ainda continuou a ser, tão somente — embora cada vez mais bela, mais veemente, mais expressiva — quando, no Terceiro Século, Santa Cecília ergueu para os céus o seu canto dulcíssimo. E, pelos séculos seguintes, até ao morrer do Primeiro Milênio da implantação da nova Fé, quando Santo Ambrosio em Milão, S. Hilário em Poitiers, S. Isidoro em Sevilha, e, acima de todos, S. Gregório Magno, em Roma, fixaram-lhe as formas e ditaram normas para a sua mais valiosa e uniforme execução litúrgica. Solo salmódico, Cantos responsorial e antifônico, hinos tocados de inocente rusticidade, cantochão magestoso e severo, ela pertenceu, por todo aquele imenso decorrer histórico, unicamente melodia. Mesmo ao alcançar os processos já complexos e algo requintados do órgão e do falsobordão.

Todavia, se admirável é de verificar-se essa longa permanência monódica da prática musical, não menos admirável — como já o fizemos notar — se torna a constatação da inalterabilidade com que, no período mencionado, se manteve o sentido da sua manifestação expressiva. Só palavras e pensamentos de Fé, de louvor e de rogativa ao Altíssimo e ao seu Enviado, haviam sido transportados sobre as notas das suas escalas...

Mais tarde, lá pela alta Idade Média, chamaram os trovadores a Música, para com ela dizerem das suas penas de amor e da sua extasiada contemplação da Natureza. Ela voltou-se um pouco, então, para as coisas desta vida...

Dos ostracismos de um mundo desmoronado — a Antiguidade — ela fora recolhida pela Igreja

CONSIDERAÇÕES SOBRE POESIA

JOÃO LELIS

A POESIA moderna surgiu na Paraíba num só impulso, subitamente, e firmou-se. Isto foi lá pelos idos de 1922, quando no Sul o sopro modernista, em dado momento, esbatia pelas chapadas e morros literários como aqui no nordeste faz o Aracati nas noites estivais e quentes. Firmou-se primeiro como poesia exaltante, virtuosa, quasi verde-amarelismo, com clamores de marcha patriótica, percutindo as cordas vibrantes do nosso impersonalismo brasileiro ou da nossa brasilidade despersonalizada. Era aqui um reflexo sem jaças opacas do que os teólogos da nova forma e



do nascente. Junto a esta salvara-se, purificando-se do sangue corrompido que a brutalidade de Roma decedente lhe infiltrara nas veias. E começava, mil anos depois o convulso profano, fortalecida, elevada, preparada para a gloriosa expansão de um futuro bem próximo, graças á carinhosa e sábia prática de um milênio de sistematização e de aperfeiçoamento. O Verbo do Redentor a espiritualizara.

Mesmo depois, ao atingir o esplendor da Idade Moderna e da sua Era de Ouro — os séculos XVIII e XIX — quando Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Chopin a genializaram em construções deslumbrantes, ela jamais perdeu — antes apurou e requinou — a sua característica de mais alta espiritualidade. E que a tornou, por excelência, a linguagem que, — no dizer de Lamartine — começa onde termina a palavra...

do ritmo estranho que encontrou o seu deísmo em «Essa Nêga Fulô» faziam prevalecer na cruzada iniciante. O debute dos poetas intrepidos da Paraíba se fez com vestimentas atrevidas, quasi idênticas àquela casca de banana da cançãozinha existencialista do ultimo carnaval. Mas passou na força do proprio ímpeto para recuperar-se em novos e mais sólidos moldes. E si disse, de início, que ela firmou-se, é porque efetivamente o atestado ainda nos está à mão consolidando a assertiva, e constituído pela obra poética de uns poucos mas notáveis figurantes da nossa galeria de bardos. Do Sul, principalmente de São Paulo, onde reboou, primeiro, o trovão do movimento, podemos dizer haver ocorrido o mesmo fenômeno de procura de um ponto justo, de uma recomposição em modelos mais equilibrados. Tornou-se, assim, visto de relance, o movimento modernista na poesia, aliás em correlação na prosa desde «Macunaima», uma convulsão na maneira exterior da expressão, sem que isto viesse afetar a própria sensibilidade humana. Não se procurou alterar essa sensibilidade; o que se desejou, ou melhor, o intuito, dos poetas sobretudo, foi revestir essa sensibilidade de novos aparatos, isto é, dar realce aos seus pontos mais agudos, tornar os seus encantos mais vistosos, as suas formas mais torneadas, dar vida aos contornos, expôr mais aos olhos os encantos recolhidos ou apagados pela rima ou pela incapacidade de um ritmo exausto. Foi, não resta dúvida, uma libertação, e, como é natural, todo esforço de libertação é inicialmente exagerado, excessivo. Mas, a retomada do destino se faz logo depois — e foi justamente o ocorrido com esse fenômeno li-

terário que se tornou por sua vez, um prenuncio de outros movimentos de mais profundidade e consequência na vida íntima do Brasil. São, efetivamente, os poetas, os primeiros que sentem — ou melhor pressentem — os fenômenos sociais. O que ocorreu em 30 já se anunciava em 22 com o modernismo, isto é, a revolução de 30 já estava prenunciada no movimento poético de 22. A receptividade do poeta é o melhor cismógrafo; sua sensibilidade logo registra o que não está ainda à tona, o que vem acontecendo no sub-sólo buscando revolver as camadas externas e até então firmes da superfície. Sempre foi assim; sempre ha-de ser assim, porque o poeta é um homem diferente no tocante à percepção. Variam, como têm variado, as formas de externar essas percepções, o dizê-las aos outros, figurá-las ora com um hermetismo que oferece vasta gama interpretativa, ora com clarividências que denunciam paixões de Pitoniza infalível. Variam, na oscilação das correntes e escolas, prendendo-se uns adeptos aos cânones rígidos do início, afrouxando outros os velhos élos e substituindo-os por conexões fundadas em inspirações do momento creador — ou então rebuscando em modelos alienígenas sugestões para um roteiro ou trajetória novos que atendam melhor seus objetivos algo experimentais ou algo emocionais. Contudo, nessa busca, nesse incessante busquejar, o homem poeta mantém-se o mesmo. Sua essência não se altera; antes condensa-se, integra-se, consolida-se e se firma delineando contornos definitivos. Passado o momento da explosão, como aconteceu depois de 1922, a poesia moderna encontrou o ponto de firmeza que procura-

va e se lhe fizera necessário para vingar. Deixou aquele caráter rigidamente nacionalista; aquele ímpeto verde-amarelo; perdeu aquele tom quasi esbravejante de reação a qualquer lesa-pátria a que podiam atribuir a obediência aos modelos e motivos que o Romantismo de alem-mar enxertara na emotividade dos intelectuais que se abalaram com a primeira guerra mundial.

E, então, fincou os pés; procurou aprofundar suas raízes, arrepanhando adubos aqui e ali para ensinar-se cada vez mais, e resistir a tudo.

A gente do Sul compreendeu a necessidade de ajustar-se à marcha natural que as modificações



Vilancete de Abel Pastor

GIL VICENTE

ADORAI, MONTANHAS,
O DEUS DAS ALTURAS!
TAMBÉM AS VERDURAS!
[RAS!]

ADORAI, DESERTOS
E SERRAS FLORIDAS,
O DEUS DOS SECRETOS
O SENHOR DAS VIDAS!
RIBEIRAS CRESCIDAS,
LOUVAI NAS ALTURAS
DEUS DAS CRIATURAS!

LOUVAI, ARVOREDOS
DE FRUTO PREZADO!
DIGAM OS PENEDOS:
DEUS SEJA LOUVADO!
E LOUVE MEU GADO
NESTAS VERDURAS
O DEUS DAS ALTURAS!

gerais exigem esgotado o primeiro empuxo. Aqui na Paraíba, identicamente, se assinalou essa procura de uma estabilidade no terreno poético, passado que foi o furor revolvente, serenado o esbravêjo irreverente, alcançado o raciocínio natural das atitudes e expostas a todas as interrogações permanentes que enfloram o horizonte do homem sensível e inquieto que põe nos versos o clamor e a angústia que torturam o espírito. Passou-se da fase do «Jesús brasileiro» e daquele «Morenas do Norte» para as indagações interiores, das exaltações ambientais e populares, para as perquirições do consciente interior, das dúvidas reconditas, das preocupações subjacentes que constituem o revestimento íntimo do edifício humano. Firmou-se, pois, o modernismo poético, no próprio homem; fugiu do mundo circunjacente, do ambiente aberto que foi o seu bêrço, ou senão, o seu cenário inicial, para recolher-se á sua própria fonte animadora e estimuladora que é o indivíduo em si, através da inextinguível capacidade de criação que possui. Contrapõe-se, de vêz, ao romantismo; renega-o até certo ponto, sobretudo onde este se agarra á dualidade dos choques sentimentais, para apegar-se às suas próprias e íntimas contradições, aos embates que se ferem no recesso da alma humana, às vezes tão semelhantes umas às outras, e buscar nesse drama permanente o alimento de que necessita para viver e descobrir o fim, ou melhor, atingir a meta dos seus objetivos. Pode-se dizer que a poesia moderna é introspectiva; tem os olhos voltados para dentro; olham para si mesmo os poetas. Não ha que discutir ser esta a posição normal da poesia, da boa poesia moderna, involuntária porque obedecendo ao próprio destino de interpretar estados da alma, cogitações, sonhos, aspi-

rações todas irrealizáveis porém cabíveis na imaginação dos homens como tudo ou quasi tudo que neles existe como criação interior. Aliás, falando-se de aspirações irrealizáveis, podemos afirmar que o poeta não objetiva realizar suas aspirações como um fim próprio; o que ele pretende, almeja, intenciona é dizer quais são essas aspirações, e dizendo-as em voz alta, aos brados, terá conseguido o seu fim, o seu ideal. A sua função é proclamadora, é denunciadora, é reveladora. Daí que a maioria dos nossos poetas se contentarem não em construir os seus sonhos, mas em dizerem quais são esses sonhos, o porquê desses sonhos e o que eles contêm dentro de si mesmo. Daí, também, essa poesia introspectiva, soliloquiana, ressoando como gemidos, como queixumes, suspirante, magoada e aparentemente tristonha. Digo aparentemente tristonha porque é essa a impressão costumeira que nos dá o poeta introspectivo; talvez porque o homem é naturalmente triste e o poeta é fiel ao homem em si. Não é preciso confundir essa tristeza natural com essa outra tristeza oriunda de um fracasso, ou da consciência de um fracasso, ou ainda do medo de um fracasso; ou de uma dor profunda, de uma magna incontinência, de uma ilusão feneceida ou de sonho desfeito ao sôpro rijo da vida — que foi, essa tristeza artificial, tão arrebitada e tão postíga o motivo permanente dos românticos da decantada e velha escola. Antes foi um vinco marcando terrenos diferentes. A tristeza romântica era exterior, ou melhor, gostava de ser vista, examinada, julgada. A tristeza dos modernistas gosta de ser sentida; apraz-lhe saber-mo-la sincera, discreta e fraterna porque identica a que todos os outros possuem no coração ou na alma. Tem um incoercível anseio de fraternidade que a caracteriza como ajustada à época a que serve; quer saber-se sentida e quer sentir cada

vez mais para minorar, pela igualdade na dor, o sofrimento dos outros. Isto é uma das suas mais nitidas caracterizações. Os românticos passaram como passou o individualismo exagerado que os alimentara. Os modernistas firmam-se porque o terreno onde se enraizam recebeu nova adubagem trazida pelas torrentes novas do pensamento; porque não se assinala apenas transformações intelectuais, mas, sobretudo, transformações sentimentais, e com isto o homem está procurando chegar-se mais ao próprio homem, almejando encontrar-se nesse ponto comum que será a sua própria descoberta.

Aqui na Paraíba a poesia modernista não parou de vez. Com o esvaziamento das velhas fileiras românticas, os modernistas afluiram a primeiro plano, já contando eles com uma vanguarda veterana firmada e de configuração indistarcável e nitida. Podemos asseverar que, entre eles, se nota a existencia dos «novos», isto é, uma mais recente geração obediente aos ditames da introspecção, melhor dito, da posição atual e normal do modernismo, se está firmando num grupo de poetas capaz de caracterizar uma fase nova da nossa poesia. E ainda bem que não temos a lastimar senão que esse processamento não se faça com mais intensidade, mais constancia, mais plenitude.

Estas considerações me foram provocadas pelo livro do poeta Edson Regis, paraibano em transito, mas que está prestando à literatura poetica da Paraíba um grande serviço. «O Deserto e os Números», livro que acaba de lançar ao mundo integra o sr. Edson Regis no quadro daqueles poetas interiores que for-

mam a nova equipe dos poetas modernista do Brasil. Essa integração é a realidade do fenômeno a que nos referimos, de início. Isto concorda com o que ele diz

«O poeta entrega-se
aos seus hábitos
e prepara uma fuga
— um novo reino
entre a vida e a morte».

Está, de começo, buscando um ponto por onde iniciar a sua trajetoria. Quer um novo reino, «entre a vida e a morte», e este reino outro não é senão a poesia, o seu reino, o reino do seu «eu». Depois de mergulhar em si mesmo, examinando as visões que tumultam ao redor exclama:

«Nenhuma noticia
me trazem da vida,
nenhuma esperança
que altere o insondável
me surge da areia
do imenso deserto».

Depois de tanta pesquisa o poeta fica na mesma, diante do deserto, pasmo a fitar o insondável, diante da vida e pasmo ante o futuro. E' a sua atitude, identica a milhões de atitudes por isso que ele interpreta não só a si mesmo como a uma imensa multidão de seres, pois sua poesia é paternal, é humana, é identificadora.

Seu drama interior continúa, qualquer que seja o resultado de seu clamor, aqui ou ali, porque o seu destino é ir para a frente, é proclamar, é denunciar, é revelar. Razão porque exclama:

«Na vida, no verso,
no templo, no sonho,
de dia e de noite
os números vários
em mim se repetem».

Deserto povoado de nu-



meros, eis a sua afirmação. Dentro dele as interrogações, a visão dos numeros bailando dansas arritmicas, confusas; bailados diabolicos, confusos como contorsões, meneios e trejeitos, numeros enfim em confusa mistura que é a desordem intima que constitue uma ordem emocional e profundamente humana.

E' verdade que a poesia não consegue realizar tudo que está dentro do poeta; no seu bôjo encontram-se pensamentos, muitos deles contraditórios, inimigos entre si. Desta forma são puros pensamentos, pensamentos em si, nada mais. A parte maligna dela sobressaí-se ás vezes, com força, destruindo, ampliando, dissolvendo. E' o proprio poeta que confessa:

«Poesia envolve
puros pensamentos
mas também dissolve
planos e desenhos».

E' que a imaginação, contrariando a realidade, se excedendo ao proprio sentimento, e lança o poeta a regiões proibidas gerando contradições e duvidas, maltratando-o e malquistando-o com a propria arte de que usa e vive. Essa queixa é generica. E', aliás, mais um elo de identidade do poeta com a humanidade. No seu livro, o sr. Edson Regis se manifesta coerente com o sentimento comum dos de sua época ou de sua geração que está, não resta dúvida, a serviço de uma nova ordem sentimental e emocional. Refiro-me a uma nova ordem irrepetitiva que é a posição legitima de poesia moderna.

«O Deserto e os numeros» é poesia hermetica. E' preciso penetrar o sentido dos seus versos para extrair o sentido de suas exclamações. Constitue isto uma atitude. No entanto, é de se afirmar que ela tem, por esse hermetismo uma profunda identidade com o homem possuído pelos seus sentimentos e ansioso por denunciá-los. Resalto aqui, fora desse caracter geral da poesia do sr. Edson Regis, o poema

«Primeira cena» que me parece de janelas abertas a um flagrante citadino nas

condições em que foi experimentado.

Ei-lo:

«As luzes brincaram dentro dos meus olhos
e eu estava no centro da grande cidade.
Automoveis em disparada businavam perdidamente,
pensei que havia começado uma festa em todo o mundo.

Fiquei perdido, confuso, multiplicado,
e o destino me jogou dentro do bonde que eu não queria.
O guarda olhou-me sério e grave,
eu deixava de ser uma imagem fugitiva

— Olha o perigo, menino!

Eu quis gritar mas já era tarde, a morte ia longe.
A emoção bolia comigo, me dominava,
comecei a pensar que estava sendo um impecilho

«Nossa Senhora! Antes tivesse ficado.
Que pressa foi a minha?» — pensei arrependido.
Mas o meu pai estava morto,
a minha infancia destruída, eu era dono do mundo.

Novamente a ideia de dar gritos.

«Mas para que dar gritos? São inuteis,
a cidade pensará que sou doido
e não que vim para conhecer as coisas».

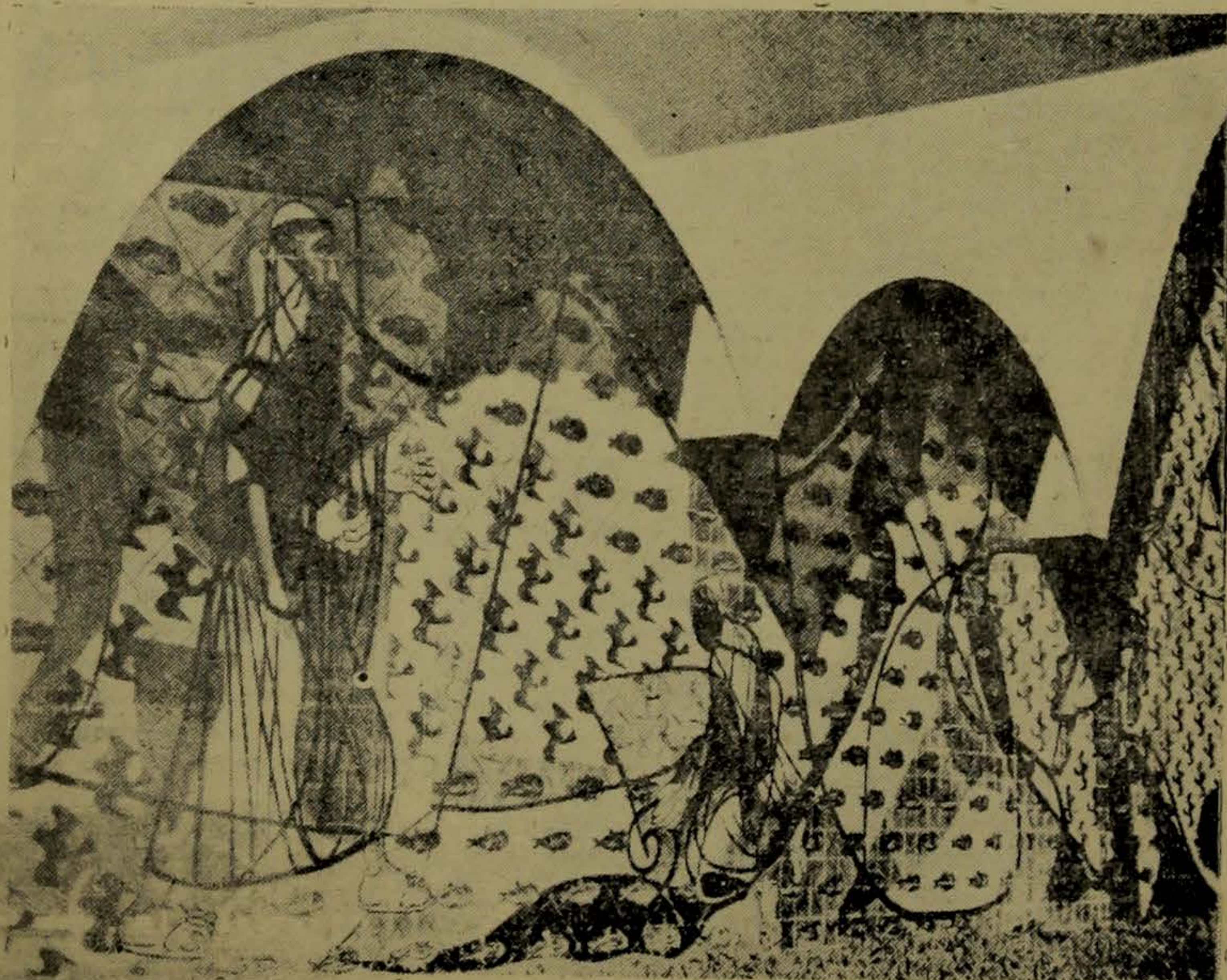
O mundo fugia pelos meus pés suspensos
e a multidão da grande cidade me interrogava.
Outro guarda deixou cair seus olhos sobre os meus movimentos,
corri. Eu não queria morrer antes da aurora».

Esta é uma poesia diferente que, entretanto, não distôa da natureza do livro apreciado. Tem antes o re-

cumo dos anteriores ritmos, dos ritmos e ressonancias da fase inicial do modernismo quando aqui pontificaram os homens da geração mais velha que a atual.

Contudo, nada indica senão que o «processo» poetico do sr. Edson Regis é identico aos dos demais poetas modernos do Brasil, seguindo naturalmente as etapas necessarias, desde aquela que se caracterizou pela euforia patriótica, até o hermetismo, ou melhor, até chegar a esse estagio de introspecção que se afirma como o ponto mais proximo alcançado pelo poeta na sua procura do homem.

No caso em apreço estamos assinalando esse aparecimento em nossa literatura, e podemos dizer que é um acontecimento da Provincia, visto que o sr. Edson Regis, com o seu «O Deserto e os Nunemos», editado fóra mas quando as suas atividades estão ligadas à Paraíba intelectual o afirma como um poeta nosso, justamente quando em nosso meio se esboça um panorama novo e promissor.



Grande painel cobrindo toda a fachada posterior da igreja de S. Francisco na Pampulha — Minas Gerais.

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

SILVINO OLAVO

1896

SILVINO Olavo Candido Martins da Costa nasceu em 1896, em Esperança, sendo filho de Manuel Joaquim Candido Maria e Cl. Josefa Martins da Costa. Fez seus estudos primários em sua cidade natal até 1904. Bacharelouse, em 1928, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Voltando à Paraíba, trabalhou na campanha presidencial em prol da candidatura João Pessoa, sendo mais tarde o seu oficial de gabinete. Infelizmente, atacado de equizofrenia, é um dos hóspedes da Colônia Juliano Moreira, onde vive há anos e, possivelmente, terminará seus dias sombrios. (1).

Poeta, sempre poeta, assistiu, Silvino Olavo, a plenitude da sua glória com a publicação do seu primeiro livro. E outros poemas vieram cada vez mais limpidos e perfeitos: "Sombra Iluminada".

Publicou: "Cisnes" — poesias — Rio — 1924; "Estética do Direito" — discurso de formatura — Rio — 1924; "Esperança, lírio verde da Borburema" — discurso — Paraíba — 1925; "Cordialidade" — estudos literários — 1.ª série — New York — 1927; "Sombra Iluminada" — poesias — Rio — 1927.

O MEU PALHAÇO

Meu coração é um mísero acrobata,
Um palhaço sarcástico de arena;
Gargalha sempre, de feição serena,
Contrafazendo a magua que o maltrata.

Enquanto em riso a multidão desata,
A's piurêlas desse clown em cena,
Ninguém descobre, na aparência amena,
A tragédia recôndita que o mata.

Mas eu me vingo desse pouco riso,
Ao paradoxo do meu próprio riso;
Porque a tragédia deste riso insano,

Que me remorde e que ninguém ouzulta,
É irmão gêmeo da tragédia oculta
Que existe em todo coração humano.

RENUNCIA

Lançado nos caminhos desta vida,
A minha rota, por desertos e ermo,
sem amável pousada nem guarida,
vou completando sem saber o termo.

Caminheiro sem fé, de alma exaurida,
afão de afão, o coração enfermo,
de tal maneira empederniu na lida,
que hoje, ninguém consegue comover-m'o.

Depois de tanto anseio insatisfeito
será melhor ser pedra; que, talvez,
em tal renúncia, se lhe abrande a sorte.

Resta-lhe só transcorrer no meu peito,
fiel ao dó da sua viuvez,
para os sinistros esponsaes da Morte.

INSCRIÇÃO

Meu corpo é sombra... Sombra e pó... Mais nada!
Minha alma é sombra tremula de luz...

Sou triste e sou feliz... Divinizada,
a Dôr dentro de mim canta e reluz...

A Vida é uma joia ambicionada
que no estojo do Mundo tremeluz:

Roga-me a sua túnica inflamação,
mas o seu esplendor não me seduz...

...Amo uma estrela lívida e velada
que ha de um dia nos vir ficar parada,
umbrolucida, sobre a nossa Cruz...

Meu destino é uma sombra iluminada!

RETORNO

Revejo a terra onde vivi creança
e onde joguei meus jogos pueris —
a encantadora vila de Esperança,
cuja recordação me faz feliz...

— Meu castanheiro e sua sombra mansa,
minha vivenda perto da Matriz,
meus pais e meus irmãos (quanta lembrança!)
minha menina — a que mais bem me quiz!

Beiral de casas brancas e baixinhas,
onde se agitam, quando a gente dorme,
num festivo rumor, as andorinhas!

O! vida boa de ocio ingenuo e lindo,
ao recordarte vem-me agora um enorme
desejo alegre de chorar sorrindo...

LAMPADA TRISTE

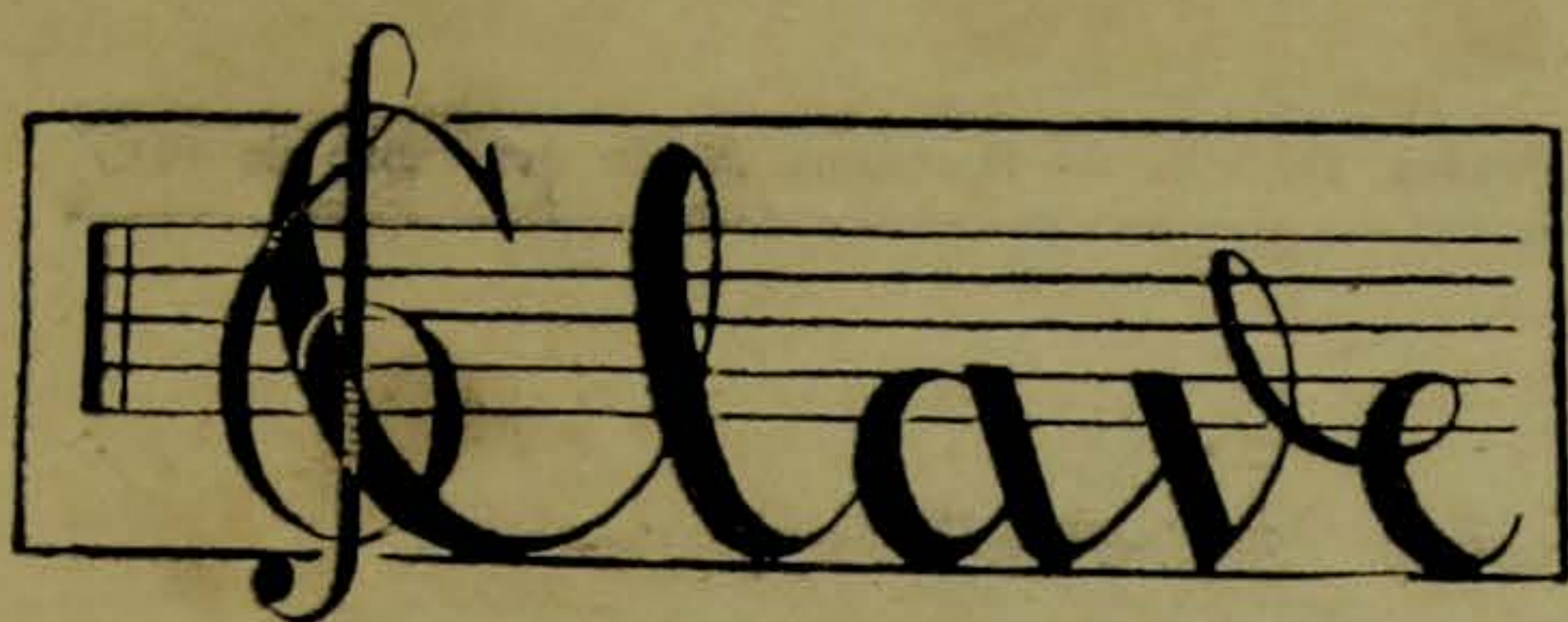
Pobre Lampada Triste, evocatória,
que alumiasse a minha adolescência,
já voas fugindo no érho da memória,
voas-te apagando em minha consciência...

Não mais pude acender-te a chama florea
de mansa e generosa opalescência...
E a ingratidão que te fez triste e ingloria
enluou-me também toda a existência...

Naquela encruzilhada — entre menino
e moço — em que se é presa do desejo,
da ambição de sonhar melhor destino —

sonhei de mais... E, assim como previste,
tudo falhou-me, tudo! e hoje é que vejo
que o meu sonho era's tu — Lampada Triste!

(1) — Esses dados biográficos me foram fornecidos pelo próprio poeta na Colônia Juliano Moreira, em fevereiro de 1948.



A SUAVE CANÇÃO

JOÃO DA VEIGA CABRAL

COMEÇOU-SE a contar o tempo, novamente. Uma nova Era brotou da árvore decadente, já sem flores e sem frutos, de uma civilização moribunda. Abalaram-se troncos e instituições. Suaram frio e tremeram os tiranos e potentados. Idolos de carne e idolos de pedra — de homens que se divinizavam e de deuses inventados pelos homens — foram reduzidos a carcos; pulverizavam-se, diluíam-se na insignificância amórfica da matéria originária. O pensamento humano vacilou, piscou — deslumbrado — como um cego que vê a luz pela primeira vez.

E' que chegara a hora do triunfo do Homem, pelo triunfo do Espírito. Diante desse, enchiam-se de medo os corações dos que temem a Verdade. Rebentavam de ódio os peitos dos que tudo têm a perder num ambiente iluminado. Exultavam, cantavam a sua alegria, por toda parte, os que sempre ansiaram pelo amanhecer de um novo dia, aqueles que até então vinham andando, aos tropeções, pelas escuras cavernas de um mundo morto...

Tudo isso e muitas outras coisas aconteceram e estão acontecendo somente porque, há mil novecentos e quarenta e nove anos, nasceu, em Belém, o menino Jesus. Sobre a mangedoura de uma estribaria, à beira de uma estrada, nasceu um menino. E, a partir

desse fato, tão inocente, tão simples, tão humilde, iniciou a Humanidade uma nova jornada. E o Mundo começou a escrever, de novo, a sua História...

Por sua profunda significação, pelas radicais reformas trazidas às relações entre os homens, nos setores espirituais, morais, sociais, filosóficos e artísticos, pelas consequências dele advindas, podemos dizer, do nascimento dessa criança, que ele marca o acontecimento de maior magnitude, de maior gravidade mesmo, até agora, registado nos anais da vida sobre a Terra.

Cercam-no, porém, todas as circunstâncias, todos os pormenores desse fato, de uma aura de serenidade, de mansidão, de humilde beleza, de uma suave e musical poesia.

Desde a Saudação do Anjo, na Anunciação, tudo passa a ser Música, da mais estranha, da mais doce, da mais divina harmonia: As palavras, os gestos, os pensamentos, os movimentos das personagens desse drama sublime. Um entrelaçar de melodias cristalinas, impregnadas de misteriosas mensagens, dá, perenemente, a sucessão das cenas, a poesia augusta de um ato litúrgico.

Pelos lábios de Isabel, saudando a Maria; pelo labio da Virgem-Mãe, glorificando ao Senhor; pela voz dos anjos

que para os pastores se ergueu no silêncio da Noite Sagrada, fluíram, em cânticos, palavras de alegria e de esperança que jamais, pelo correr dos tempos, deixarão de vibrar.

Oh, a formosura sem par, a sabedoria suprema, a graça iluminada daquele Cântico de Marcial Bem razão tinha Schiller quando, em carta a Goethe, afirmava parecer-lhe o Cristianismo a única religião estética! Todos os acontecimentos que antecederam a Natividade de Jesus, todos os fatos de que se constituiu esse Advento, tão simples e tão toscos mesmo, em sua materialização, revestiram-se de tal beleza, de tal sugestão artística, de tal encanto de idéias e de contornos que se tornaram co-

mo que uma fonte perene de inspiração das Artes e da mais elevada contemplação.

Através os séculos e os espaços, chegaram aos ouvidos a estranha, misteriosa musicalidade daquelas cenas evangélicas: A Anunciação, a Saudação de Isabel, o Cântico de Maria, o Nascimento de um Deus, numa mangedoura, o ar viso dos anjos aos pastores, a estrela dos Reis magos...

A ninguém será negado ouvir essa música divina, se para ela voltar o pensamento e o coração.

Ela é bem a suave canção com que Deus sussurrou, aos ouvidos dos homens, a esperança de alegrias que nem a morte nem a dor poderão apagar...

A Mais Popular Canção de Natal

ATRAVÉS dos anos, cantada sempre por milhares de pessoas em todo o mundo, a mais famosa canção de Natal, «Noite de Paz», ao contrário do que geralmente se supõe, não é de origem folclórica.

Seus autores foram dois austríacos: o padre José Mohr, nascido em 1792 e falecido em 1848, que lhe compôs a letra; e Francisco Xavier Gruber, católico-romano, nascido em 1787 e falecido em 1863, que lhe escreveu a música.

Essa canção hoje tão famosa teve o seu nascimento numa aldeia austriaca coberta de neve, Oberndorf, na Natal de 1818. Permaneceu durante algum tempo na mais completa obscuridade. Seu principal divulgador foi o fabricante de órgãos Carlos Maurocher. «Noite de Paz», que ficou conhecida em todo o mundo com vários títulos, foi publicada, pela primeira vez, em 1838, no «Leipziger Gesangbuch».

Mesmo depois de bastante conhecida, a belíssima

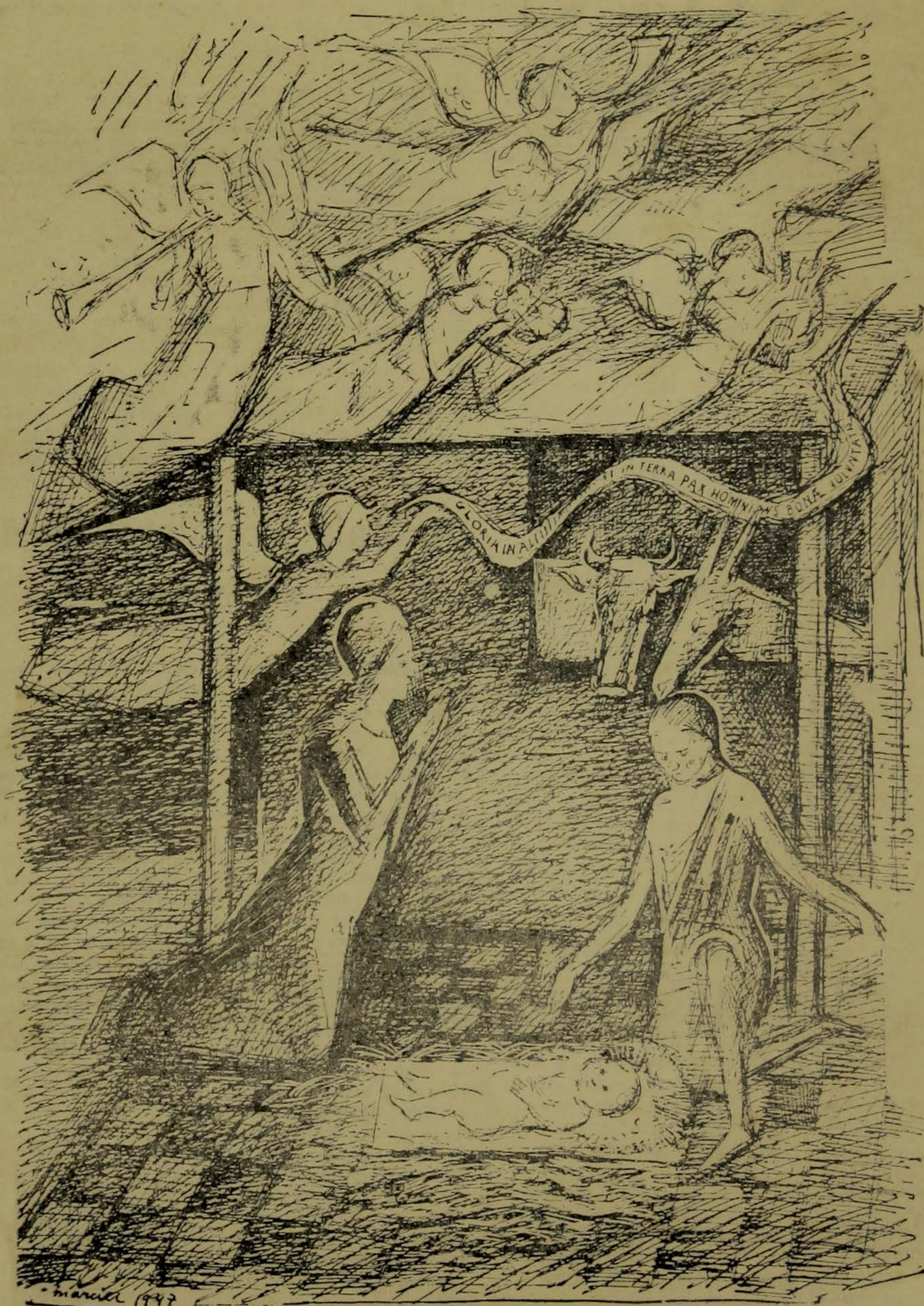
canção de Natal era tida como de origem popular, sendo desconhecidos os seus autores. Coube a Luiz Erk pesquisar-lhe a origem e tirá-la do anonimato, apontando ao mundo os nomes do padre Mohr e de Francisco Xavier Gruber, seus verdadeiros autores.

«Noite de Paz», tem tido muitíssimas traduções para o inglês, o francês, o espanhol, o português e outros idiomas. Somente para o inglês existem 12 traduções publicadas. Igualmente, há várias traduções portuguesas do célebre hino de Natal.



Correio das Artes

ANO I Número 40 — Suplemento Literário de A UNIAO — João Pessoa, Paraíba — Domingo, 25 de dezembro de 1949



A NATIVIDADE — Marcier